



OS NATIVOS DIGITAIS E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

SILVA, Rose Madalena Pereira da¹
BORBA, Sara Ingrid²

GT 9 – Educação Especial e Inclusão de Pessoas com Deficiência

RESUMO

O presente estudo teve o objetivo de discutir e analisar estratégias para o uso das tecnologias no Atendimento Educacional Especializado, voltados ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas, entre elas a criatividade. Foi utilizada a pesquisa bibliográfica e em documentos oficiais que ressaltam as formas de tratar a inclusão na escola como ensino complementar. O texto apresenta um relato de experiência, a partir da problemática de crianças com deficiências caracterizadas como nativos digitais, pela facilidade e interesse no uso das tecnologias, baseado nas observações realizadas pelas pesquisadoras em uma escola municipal da rede pública de Maceió. Foi apresentada uma experiência de sucesso no AEE frente a dificuldade em adaptar as crianças ao uso adequado das tecnologias.

Palavras-chave: Sala de Recursos Multifuncionais. Atendimento Educacional Especializado

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA OU EXPERIÊNCIA

Nas últimas décadas o mundo vem passando por inúmeras transformações, tornando-se cada vez mais tecnológico, ou seja, cada vez mais influenciado pelas máquinas e seus processos. São intermináveis situações às quais somos inseridos, que nos obrigam a fazer parte deste contexto amplo de aparelhagem, sistemas que nos desafiam cotidianamente. Nessa direção, Sancho (2006, p.17) indica que “torna-se difícil negar a influência das tecnologias da informação na configuração do mundo atual, mesmo que esta nem sempre seja positiva para todos os indivíduos e grupos”. Podemos compreender com a fala do autor, que a concepção de aprendizagem como um processo ativo deve permitir aos estudantes a construção do seu próprio conhecimento e de suas

¹ Universidade Federal da Paraíba - UFPB; pedagoga e professora da Sala de Recursos Multifuncionais –AEE.-mail ingridsara80@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas. rosemadalenag11@gmail.com



capacidades, mediadas por intervenções para que possam descobrir e explorar também toda a potencialidade dos recursos tecnológicos auxiliando, inclusive, a aprendizagem colaborativa.

Não há mais caminho de volta neste processo evolutivo, apenas seguir, caminhar e buscar conhecer e se adaptar às pequenas e grandes mudanças, pois destas mudanças vão depender boa parte da nossa condição de vida em sociedade, apesar de novos desafios a cada dia, exigindo a capacidade de como aprender a aprender, informar-se, comunicar, raciocinar, comparar, decidir, cooperar de forma acelerada. O dia termina e as atividades planejadas não foram concluídas.

Há uma sensação de tempo perdido, inclusive afetando de forma contundente a saúde mental das pessoas e não são apenas os adultos na sua rotina diária, mas as crianças têm chegado para nós nas escolas afetadas por este fenômeno digital do uso das tecnologias que afetam seu comportamento. Desmurget (2021) se posiciona contrário a posturas permissivas quanto ao uso de telas pelas crianças sem uma postura crítica e afirma: “Sinto-me chocado com a natureza subjetiva, incompleta e injusta do tratamento dado à questão das telas digitais por várias das grandes mídias generalistas.” Desmurget (2021, p.08). As telas fazem parte do cotidiano, mas há de se ter algum limite, principalmente no processo de formação das crianças, representando um desafio às famílias e a escola.

Para este desafio, é cobrado que a escola esteja preparada para contribuir com o processo de renovação e modernização do ensino. O que exigirá dos professores o desenvolvimento de habilidades e competências para atuar frente a um mundo de conhecimentos específicos e o significativo movimento inconstante ao qual pertencem esta nova realidade que exige exatamente o que menos temos: tempo. “O professor, em um mundo em rede, é incansável pesquisador. Um profissional que se reinventa a cada dia, que aceita os desafios e a imprevisibilidade da época para se aprimorar cada vez mais.” Kenski (2012, p. 90). Dessa forma, a escola precisa então lidar com este contexto frente a outras exigências, a inclusão escolar, urgente e necessária e aprender a lidar com esta demanda poderá em muito contribuir para este processo.



OBJETIVOS DA AÇÃO EDUCATIVA

Discutir e analisar estratégias para o uso das tecnologias, voltados ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas entre elas a criatividade, durante o Atendimento Educacional Especializado.

DESCRIÇÃO DETALHADA DA EXPERIÊNCIA

O primeiro aspecto a ser destacado refere-se ao ambiente da Sala de Recursos Multifuncionais, pois nem todas possuem as mesmas dimensões e mesmos recursos à disposição. Algumas escolas têm espaços críticos e difíceis de permanecer principalmente no verão, ressaltando que a escola que tomo para pesquisa possui espaço adequado, ar condicionado, computador, impressora, TV, som e demais recursos com jogos e materiais para produção de atividades específicas das crianças. Apesar de vários recursos e ambiente espaçoso, as crianças entram com interesse voltado ao computador e a determinados jogos que pedagogicamente não são aconselhados. Esta situação acontece como um empecilho ao desenvolvimento do que foi planejado para as crianças e que muitas vezes a negativa provoca desregulação no comportamento das mesmas.

Após algumas tentativas mal sucedidas, escolhemos trabalhar com a construção de rotina no atendimento, ao invés de terem um planejamento feito para elas, fazemos a rotina a partir das opções delas sob a condição do uso do computador para atividades lúdicas de cunho acadêmico. Fizemos uma ficha com nome, foto e abaixo a rotina escolhida por eles com imagens, com direito a até quatro situações entre: pintura no cavalete, jogos, desenho livre, colagem e computador. Todos com intencionalidades de superação das dificuldades. Outro acordo, é que a primeira atividade era sempre orientada e realizada com a professora, mas a Sala de Recursos é um espaço de alegria, criação, liberdade e autonomia.

Para o atendimento específico, os sites foram selecionados de acordo com o que ofereciam como, por exemplo: Escola de Games, que traz várias opções de atividades lúdicas e interativas para as diversas áreas do conhecimento, promovendo trabalhar as dificuldades percebidas na aprendizagem, tornando-se aliada às ações do AEE.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação inclusiva rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo das escolas, contestando os sistemas educacionais em seus fundamentos. Ela questiona a permanência de modelos ideais, a normalização de perfis específicos de alunos (ROPOLI et al, 2010).

A discussão sobre a inclusão inicia-se na Constituição Federal (1988), a qual afirma “a educação como direito de todos, dever do Estado e das famílias”; ganhando suporte no capítulo V, nos artigos 58,59 e 60 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL,1996), na Resolução do Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica nº 2, de 11 de setembro de 2001 (Res. 2/01), que institui as DCN EEB/2001. As Diretrizes destacam que a política de inclusão dos estudantes que apresentam necessidades educacionais na rede regular de ensino, não consiste apenas na permanência física desses junto aos demais educandos, mas deve ter a ousadia de rever concepções e paradigmas para buscar desenvolver o potencial destas pessoas, além de respeitar seus limites e ressaltar suas potencialidades.

Mesmo a inclusão estando assegurada por lei, é visível que sua aplicabilidade efetiva está longe de ser alcançada, pois, não basta garantir nas escolas, as matrículas de estudantes especiais no ensino regular e fazer adaptações em sua estrutura física, mas sim dar as condições necessárias de atendimento escolar. Sob essa perspectiva, percebemos que há necessidade de investimentos tanto no aspecto físico das instituições escolares, quanto na conscientização e capacitação das pessoas, para que todos os aspectos voltados para a inclusão se concretizem, dando suporte as pessoas com deficiência, não só no âmbito escolar como também na sociedade.

A inclusão, assegurada por lei, busca a garantia de acabar com toda forma de preconceito, isolamento e marginalização das pessoas com necessidades especiais. É necessário buscar a efetivação das políticas nacionais, como a LDB/96, que destaca em seu artigo 59, inciso I, “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organizações específicas para atender às suas necessidades”.





Isto significa que podemos utilizar recursos tecnológicos, os quais para o auxílio da aprendizagem dos sujeitos com necessidades educacionais especiais são chamados de Tecnologias Assistivas (TA) e são tidas como aquelas que ajudam/auxiliam na ampliação das habilidades funcionais de pessoas com necessidades especiais, possibilitando a esses sujeitos independência cotidiana, qualidade de vida e inclusão.

A Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) possui mobiliários, materiais didáticos e pedagógicos, recursos de acessibilidade e equipamentos específicos (1 microcomputador com mouses, 2 notebooks 1 monitor de TV e teclado, scanner e 1 impressora a laser) para o atendimento aos estudantes público alvo do AEE. Segundo Jannuzzi, (1998, p. 29-30), “a utilização dos recursos da informática na área da Educação Especial representa um importante papel no sentido de facilitar a produção dos conhecimentos culturalmente construídos e que se encontram fora do alcance dessas pessoas”

É importante a compreensão de que todos os processos de ensino aprendizagem sob o novo contexto das tecnologias, exigindo considerarmos que estes estudantes não são mais os mesmos, possuem outro perfil e até outra identificação, em que a “denominação mais utilizada que eu encontrei para eles é Nativos Digitais” Prensky(2001). Nossos “estudantes de hoje são todos “falantes nativos” da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet, enquanto que nós professores e demais podem ser considerados, ainda por Prensky (2001) “Aqueles que não nasceram no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas, ficou fascinado e adotou muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia são, e sempre serão comparados a eles, sendo chamados de Imigrantes Digitais”. Nesta direção, apresenta-se que o professor tenha consciência de que seu conhecimento é limitado e que seu papel é levar o estudante a refletir sobre as informações obtidas do que simplesmente incorporá-las, tendo como ponto de apoio o conhecimento da realidade em que se encontram inseridos.

Vivemos na sociedade denominada do ‘futuro’ que, em algumas situações, é descrita como ‘sociedade de aprendizado’, onde há necessidade do aprendizado contínuo, como garantia de sobrevivência. Diante deste contexto, é preciso uma postura cautelosa, em primeira instância, diante da incompletude da formação docente.

RESULTADOS ALCANÇADOS OU INDICATIVOS DE MUDANÇA





O desfecho da construção de rotina promoveu situações enriquecedoras como eles chegarem e buscarem a ficha de rotina para visualizar sua atividade a cada término da outra, exercendo autonomia, atitude de escolhas e participação na organização de materiais. O uso direcionado do computador com atividades enriquecedoras explorando matemática, linguagem oral escrita, aspectos cognitivos são realizados a partir de sites previamente instalados, acalma e lhe dá satisfação e não ansiedade, pois param para jogar. Outro resultado significativo foram os avanços no processo de alfabetização com identificação, reconhecimento, associação e percepção de semelhanças e diferenças

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira quase incontestável, precisamos rever nossas práticas pedagógicas, nos planos de ensino. Precisamos rever nossas posturas e nossas atitudes diante do uso adequado das tecnologias às nossas necessidades, pois estamos envolvidos em processos de ensino e aprendizagem e comprometidos com este novo contexto em que a escola também faz parte. No entanto, é importante colocar as tecnologias a serviço das pessoas e não ao contrário. É considerar seus sujeitos e o contexto que os cerca, bem como inserir-se neste mundo potencialmente da comunicação e da informação, mas educar-se para o uso de tais recursos. Os nativos digitais correm o risco de se perderem no uso abusivo dos meios e as crianças podem se tornar vítimas desta realidade que hoje preocupa médicos e estudiosos quanto à saúde mental das pessoas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Introdução à educação digital**: caderno de estudo e prática / Beth Bastos ...[et al.] – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância; 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF [s. n], 1988.

BRASIL. **Lei nº. 9.394**, de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. *Decreto nº 6.571 de 17/09/2008*, que dispõe sobre atendimento educacional especializado nas escolas públicas e nas instituições especializadas. Acesso em 30 de



ago. de 2025
Disponível <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007/2010/2008/Decreto/D6571.htm>.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB Nº 2**, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Acesso em: 30 de ago de 2025. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>

DESMURGET, Michel. *A Fábrica de Cretinos Digitais/ O perigo das telas para nossas crianças*. Ed. Vestígio. São Paulo 2021.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação E tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Editora Papirus, 2012. 141p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente/ José Carlos Libâneo. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.- (Coleção Questões da Nossa Época); v. 67.

MATTAR, João. *Games em educação: como os nativos digitais aprendem*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais Imigrantes Digitais** Nativos Digitais, Imigrantes Digitais Por Marc Prensky Ponte Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001. Acessado em 14 de agosto de 2025. Disponível em: <http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>.

ROPOLI, Edilene Aparecida [et al]. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília. MEC. SEESP. 2010.

SANCHO, J. M. **De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos**. In: Juana Maria Sancho et al. *Tecnologias para transformar a educação*. Porto Alegre: Artmed, 2006.